



A Sr.ª D. GENOVEVA DE LIMA MAYER ULRICH, autora das "Phantaisies de Printemps", representada em festa patriótica no "Polyteama"

II Série — N.º 531

Lisboa, 24 de Abril de 1916

Assinatura para Portugal, { Trimestre 1\$20 ctv.
colónias portuguesas { Semestre 2\$40 ..
e Hespanha: { Ano 4\$80 ..

Numero avulso, 10 centavos

Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal O SECULO

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

• Redacção, administração e oficinas: Rua do Seculo, 43 •

Sederia Suissa

LIZOS
Tafetã
Crepe
Charmeuse
Gabardine
Eolienn
Falla
Cotelé
Veo
etc

Imprensos

Escosez

Riscados

directamente da Suissa,
franco de porte
a domicilio!

Peçam hoje mesmo amostras das
nossas sedas novidades garantidas sol-
das para vestidos e blusas: Tafetã, Crêpe,
Charmeuse, Gabardine, Eolienn, Faia,
Cotelé, Veo, etc., Cambraia suissa 120
cm de largo desde fr. 1.50 o metro.
Grandíssima escolha sobretudo em preto,
meio luto, assim como em branco e côr.

Esta collecção é enviada franca contra remessa d'um sello postal de 5 centavos.

Ao mesmo tempo offerecemos a nossa nova collecção de bordados suissos contendo 70 figurinos
novos com amostras bordadas representando de modo muito exacto a execução maravilhosa dos
nossos bordados afamados, assim como os nossos catalogos
de bordados para roupa branca, collares e lenços d'assoar
com verdadeiro bordado suiso. Blusas e vestidos para sen-
horas, meninas e crianças, em Cambraia, Veo, Crêpe, Organdie,
Linho, etc. e bordado sobre sedas novidades desde frs. 3.90.
Os nossos bordados, como não são cortados, podem ser con-
feccionados facilmente em todos os padrões.

Esta collecção é igualmente enviada franca contra
remessa d'um sello postal de 5 centavos.

Schweizer & Co. Lucerna, E 1
(Suissa).
Casa Suissa — Mercadorias Suissas.

TELEPH. N.º 2638

PERFUMARIA ROSA D'OURO

COLossal
SORTIMENTO
RUA DO OURO, 261 JOAQUIM N. ALVES
LISBOA

Vizella

O MELHOR SABONETE

Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE N.º 2777-LISBOA

Lêr na proxima quinta-feira **O SEculo COMICO** Preço: 1 centavo

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Sociedade anonima de respons. limit.

Ações	360.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundos de reserva e amortisa- ção	266.400\$000
Reis	350.310\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabri-
cas do Prado, Marianaia e Sobreirinho (To-
mar), Penede e Casal de Hermio (Lousã),
Vale Maior (Albergaria-a-Velha), Instaladas
para uma produção anual de seis milhões
de kilos do papel e dispondo dos maqui-
nismos mais aperfeicoados para a sua in-
dustria. Tem em deposito grande varie-
dade de papeis de escrita, de impressão e
de embrulho. Toma e executa prontamente
encomendas para fabricações especiaes de
qualquer quantidade de papel de maquina
contínua ou redonda e de forma. Fornece
papel aos mais importantes jornaes e pu-
blicações periodicos do paiz e é forne-
dora exclusiva das mais importantes com-
panhias e empresas nacionaes.

ESCRITORIOS E DEPOSITOS:

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276
PORTO—49, R. de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em LISBOA e PORTO:
Companhia Prado. Numero telefonico: Lis-
boa, 605—Porto, 117.

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE
CHIROMANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA
MADAME

Brouillard



Diz o passado e o presente e
prediz o futuro, com veracidade
e rapidez: é incomparavel em va-
ticinios. Pelo estudo que fez das
ciencias, quiromancias, cronolo-
gia e fisiologia, e pelas applica-
ções praticas das theorias de Gall,
Lavater, Desbarolles, Lambrose,
d'Arpenilney, madame Brouil-
lard tem percorrido as principaes
cidades da Europa e America,
onde foi admirada pelos numero-
sos clientes da mais alta cate-
goria, a quem predisse a queda do
Imperio e todos os acontecimen-
tos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglês, alemão,
italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã às 11 da noite
em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-foja)—Lisboa. Con-
sultas a 1\$000 réis, 2\$500 e 5\$000 réis

Rio de Janeiro

A Empresa d'O SEculo faz publico que transferiu
a sua agencia no Rio de Janeiro, para a conceituada
firma **José Martins & Irmão, Rua da Assem-
blêa, 62**, para onde devem ser dirigidos todos os pe-
didos de fornecimento avulso ou para revenda, de
exemplares do

Seculo
Ilustração Portuguesa
Suplemento de Modas & Bordados
e Seculo Comico

FOTOGRAFIA

Reutlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS
21, Boulevard Montmartre

PARIS
TELEPHONE: Gutenberg 42-09 ASCENSOR

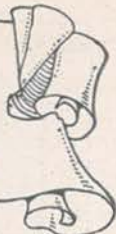


Ilustração Portuguesa

CRONICA

N.º 531

24-4-1916



Estado de guerra

O estado de guerra começa a revestir no nosso paiz uma expressão menos platonica do que o fariã prever a nossa situação especial. Na tarde de segunda feira, á entrada de Cascaes, o vapor norueguez «Terge Viken», que trazia cinco mil toneladas de trigo para Lisboa, bateu em minas flutuantes alemãs e afundou-se em poucos minutos.



Na madrugada de terça-feira, um clarão sinistro acordou a cidade e o edificio da Escola Naval, onde se encontrava o material de navegação dos navios alemães, foi destruido em uma hora por um incendio que mãos criminosas atearam. E' o acaso? Não. E' a guerra.

Não temos outro tratamento a esperar dos nossos inimigos. O que todo o paiz espera, com a serenidade que lhe aconselham a sua dignidade e os seus interesses, é que, d'uma vez para sempre, as perturbações graves da politica interna se modifiquem perante a consciencia do perigo comum.

Portugal e Hespanha

O novo ministro de Hespanha apresentou as suas credenciaes ao senhor Presidente da Republica. O sr. Lopez Muñoz, que não é diplomata de carreira, foi investido nas delicadas funções do seu cargo pela confiança do governo do seu paiz e pela elevada consideração em que o rei Afonso XIII tem o seu superior tacto politico. Quando as emergencias da politica internacional tornam especialmente difficil um posto diplomatico, é em geral fóra da diplomacia que se vae buscar o homem que deve occupal-o. A simples escolha do sr. Muñoz teve já para o nosso paiz uma particular significação. O admiravel discurso



pronunciado pelo novo ministro na sala doirada do Palacio de Belem, acabou de acentuar. As relações entre Portugal e Hespanha — ouso esperal-o — vão entrar n'uma nova fase de respeito comum, de mutua confiança e de reciproco entendimento. A obra de aproximação entre os dois Estados, entre os dois povos, entre os dois comercios, entre as duas literaturas, tem de fazer-se. A amizade de Hespanha e de Portugal, previu-o ha um seculo Talleyrand, disse-o ha oito dias o sr. Muñoz, «ha de pezar na obra da civilização e na prosperidade do mundo».

Perigo amarelo

De tempos a tempos, o telegrafo traz-nos noticias da China. Hoje, é uma provincia que se des-

agrega e se proclama independente; amanhã, é o ministro Sun-Yat-Sen que prosegue na sua obra de organização economica e social; agora, Tientsin descerra as portas da sua Universidade; logo, Yuan-Shi-Kai, possessore de delirio dinastico, troca o seu chapéu alto pela cabaia doirada do imperador Pu-Yi. E entre a confusa informação



de milhares de escolas que se abrem, de centenas de minas que se exploram, de infinitas redes ferro-viarias que se cruzam, — a Europa devastada esfrega os olhos, e mal entrevê, esfumado ainda na vaga nevoa luminosa do Oriente, um novo Japão enorme, um novo Japão formidavel de cem milhões de almas, um novo Japão gigantesco e archi-civilisado, debruçando sobre o velho mundo a sua armadura hirsuta de escamas de ouro.

«Educação Republicana»

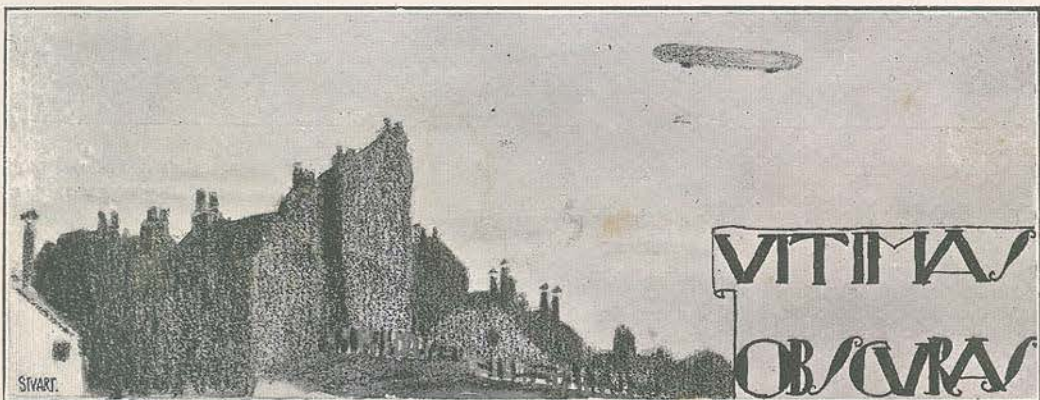
João de Barros não é apenas o lirico admiravel que deu á poesia portugueza contemporanea o claro dionisismo do «Anteu»; é tambem um pedagogo, que em livros sucessivos, na «Escola e o Futuro», na «Nacionalisação do Ensino», na «Republica e Escola» e, agora, na «Educação Republicana», está marcando uma orientação e definin-



do um criterio. A sua recente obra, onde ha paginas d'uma notavel riqueza de conceitos e d'uma perfeita elegancia de prosa, dedica-a João de Deus Ramos a outro grande educador: João de Deus Ramos. O espirito familiar de Michelet inunda este livro: «— Querem educar as creanças portuguezas? Ensinem-lhes Portugal».

JULIO DANTAS

(Ilustrações de Manuel Gustavo)



O gabinete de análises contíguo á sala Halstead d'um vasto hospital cirurgico de Londres, o dr. Follower, inclinado de madrugada sobre um livro aberto na mesa de trabalho, apoiando o cotovelo ao braço da cadeira e a frente á mão, estava absorto em pensamentos de alta gravidade por certo, se ajuizarmos pelas frases soltas que de quando em quando lhe saíam dos labios, como os jactos intermitentes de vapor se escapam pela valvula de segurança de uma caldeira em tensão.

— Nenhum autor assinála... nenhum... Privativo d'esta bacteria... Inacreditavel, comtudo!... E' abominavel!...

O dr. Follower levantou-se, passeou de um lado para o outro em grande exaltação, deteve-se um pouco junto do microscopio e assaltado por uma idéa subita carregou n'um botão de campainha que havia perto, exclamando:

— Preciso de provas; provas irrecusaveis.

Apareceu um enfermeiro.

— Chame-me o interno.

— Está dando injeções de oleo aos doentes entrados hontem, que peoraram muito durante a noite, sr. doutor.

— Que venha aqui falar-me quando acabar.

Fechada a porta, Follower continuou a medir a passos largos o gabinete, soltando a espaços exclamações de indignação:

— E' odioso! E' revoltante!

Um quarto de hora depois entrou o interno da enfermaria.

— Então?

— Perdidos. Um, sobretudo, o rapazinho, teve uma generalisação pronta.

— Não admira, a circulação nas crianças é mais ativa.

— Interessei-me muito por ele porque tem uma historia comovente e um intimo encantador. Mas tudo é inutil.

— Vamos ao importante. Fez as preparações?

— De todos quatro. Todos apresentam o mesmo microbio inconfundivel.

— Identico ao das vitimas dos outros "raids"?

— Absolutamente. Está provado á evidencia que todos os zepelins trazem profusão d'estes microorganismos nas bombas que despedem sobre nós.

— Faça culturas. Precisamos edificar o mundo inteiro no ajuste de contas com provas inconcusas de tamanha deshumanidade.

— Já as tenho de todos.

— E a sintomalogia, sempre a mesma dos primeiros casos que observámos?

— Sempre. Gangrena de rapida evolução, sempre mortal

nos ferimentos extensos, como não se encontra na pratica hospitalar ordinaria. Extrema depressão. Toda a noite trabalhei sem resultado para levantar as forças aos feridos.

— E' uma atrocidade inaudita!...

— Infamissima. Tenho todos os



apontamentos coligidos para o relatorio.

— Bem, traga-m'os e conte que o seu nome figurará n'ele honrosamente.

O interno compreendeu a despedida, inclinouse e saiu com o sereno contentamento de quem sabe apreciados os seus esforços, de mistura com

uma certa tristeza que no seu animo produzira a inutilidade de quanto fizera para salvar os feridos confiados ao seu cuidado, e em especial uma criança de doze anos, muito expansiva e de uma mentalidade interessantíssima.

A sua alma compassiva e generosa, vibrando a unisono com as dôres que se lhe avisinhavam, entusiasta de quanto via de belo á volta de si, enternecera-se com a historia tocante que o pequeno ferido lhe contára com o cunho de verdade iniludível, que a candura da inocencia imprimia ás suas singelas narrativas.

Tudo o que havia de mais humilde. Abandonado de pequenino em uma viela dum bairro miseravel, fôra creado a expensas da assistencia publica e dera em mãos de uma boa creatura que, depois de amamenta-lo como mãe, continuára a mante-lo com o magro subsidio que recebia, só para não o entregar a gentes estranhas.

Privada sucessivamente de todos os seus pela morte, esfalfada de trabalho para se sustentar a si e á creança, que lhe tinha um grande amor, adoecera gravemente quando ele estava empregado de poucos dias num talho com insignificante salario para fazer areados e levar carne a alguns freguezes. Chegados á miseria extrema, a bondosa mulher definhava dia a dia, falta de alimento, prostrada num pobre catre de que Alberto se afastava todas as manhãs com os olhos rasos de lagrimas.

Um dia, depois da hora da distribuição aos freguezes, Alberto veio para casa muito preocupado, agarrou se á chaminé e passado algum tempo chegava-se ao pé da mãe com uma tigela de caldo substancial.

Reanimada com os primeiros golos, veio-lhe a reflexão:

— Como arranjaste carne? — perguntou ela com voz apagada.

Alberto titubeou.

A pobre mulher fitou nele os olhos aterrados.

— Desgraçado! Agora é que estamos perdidos de todo.

O pequeno criminoso, compreendendo a sua falta, lançou-se-lhe nos braços lavado em lagrimas.

— Foi para si, mãe...

Ao outro dia o freguez lesado fez a sua queixa e o servente foi despedido.

Todos os males se agravaram como consequencia daquela falta que a amavel creança pagou com sentido pranto vendo a devotada creatura que ele amava como mãe privada de tudo em absoluto.

Tremia de frio e fome estendendo a mão suplicante aos frequentadores de uma taberna do seu bairro ao cair da noite quando foi atingido pela bomba de um aparelho aereo, num dos «raids» feitos pelos alemães sobre Inglaterra.

Os feridos foram transportados para um hospital cirurgico de Londres, onde o dr. Follower, diretor da enfermaria Halstead, impressionado com a anormalidade dos casos dos atentados anteriores, se consagrara de corpo e alma, com o seu interno, á investigação das causas de tão

anomalas manifestações clinicas.

Alberto disséra confiadamente a sua historia ao caritativo interno fitando-o com um olhar inteligente e vivo, nas primeiras horas, depois sem brilho, amortecida a pupila pelo sofrimento fisico, que nada era, ainda assim, comparado com a dôr que lhe pungia a alma ao pensar no desamparo da mãe, confrontando mentalmente o seu relativo bem estar, estomago mudo e roupa limpa, como desconforto da misera, num grabato infeto e sem alimento desde a vespera.

E com voz que já não era do mundo, entrecortada e dolente, suplicou ao interno, de novo debruçado sobre ele entristecido:

— Mande vir para cá a minha mãe, sim? Mande...

E fechou os olhos, extinguindo-se-lhe a voz naquela supplica em que a sua alma, ao desprender-se, puzera reconhecida todo o seu amor pela infeliz que já o precedera na viagem, sem ele o presentir, e o chamava á vida de regiões melhores, á patria dos desditosos.

A. C.



FIM

No Funchal



Na quinta Pavão realizou-se no dia 24 de março uma kermesse a favor da Cruz Vermelha, promovida pela colônia inglesa e algumas damas da primeira sociedade do Funchal.

Grupo da dança das echarpes, organizada pela distinta professora sr.^a D. Eugenia Rego da de refrescos e limonadas realisada no seu elegantissimo pavilhão.

O resultado ultrapassou as melhores expectativas; tudo se reuniu para o bom exito a que se propunha a comissão organisadora da kermesse, havendo importantes donativos, entre eles uma lancha a vapor que foi rifada, obtendo bom preço.



Grupo de creanças da dança dos *Allados*

O comercio fechou, concorrendo assim para que fosse maior a assistencia n'aquela aprazivel quinta.

O serviço de chá, venda de flôres, rifas, danças de creanças e mais divertimentos, tudo contribuiu para o excelente resultado obtido, sendo

A importante fabrica «Leão» ofereceu o produto da venda o seu total superior a 3:000 escudos.



Pavilhão das rifas a cargo das damas da colônia inglesa Mrs. Jones e Mrs. Snoxall; ao centro Mr. Jones, proprietario do Bela Vista Hotel.



Pavilhão de doces e rifas a cargo de Miss Reids, vendendo ao centro o sr. William Reids, proprietario do Reids-Palace-Hotel.—(Clichés dos distintos fotografos M. O. Perestrelo & Filhos).



A minha terra

*A minha terra! Basta ser a tua
Para que mais nenhuma assim me agrade;
Ne'a me deste a tua mocidade
E nela o nosso afecto continua.*

*Uma pedra que seja, aspera e nua,
Da minha terra, vê-me com bondade;
Aspiro-lhe o perfume de saudade
Que em Portugal em tudo se insinua.*

*Não queira nunca, por meu mal, a sorte
Que se me apague em terra alheia o brilho
Duns olhos que não sabem doutro norte.*

*Terra que ha tantos anos beijo e trilho,
Como não heide ama-la até á morte
Se nela é que nasceu o nosso filho?*

Acacio de Paiva.

PORTUGAL NA GUERRA



O tenente-coronel sr. José Lutz de Moura Mendes, comandante da expedição.

Por ter já entrado na máquina a «Ilustração Portuguesa» da semana passada, mal pudemos consagrar algumas linhas ao brilhante feito dos portugueses em Africa, reocupando a bahia de Kionga e os ter-

ritórios circumjacentes que desde 1894 se consideravam

definitivamente ocupados pela Alemanha, em virtude das notas trocadas entre esse paiz e Portugal, com a data de 4 de setembro.

Em junho d'esse ano, sem mais prevenções e sem ao menos qualquer cousa que nos deixasse presumir a iminencia de tal vexame, o governador da Africa Oriental, alemã o barão de Schoele, appareceu com 5 navios de guerra defronte de Kionga, fundeando mesmo na bahia. Só depois de desembarcar é que annunciou ao governador do Ibo que ia ali içar o pavilhão alemão. A autoridade portugueza protestou energicamente contra tal violencia, conseguindo, como pequena compensação da afronta, queo pavilhão portuguez continuasse tambem ali a flutuar ao lado do alemão até que o caso se resolvesse definitivamente

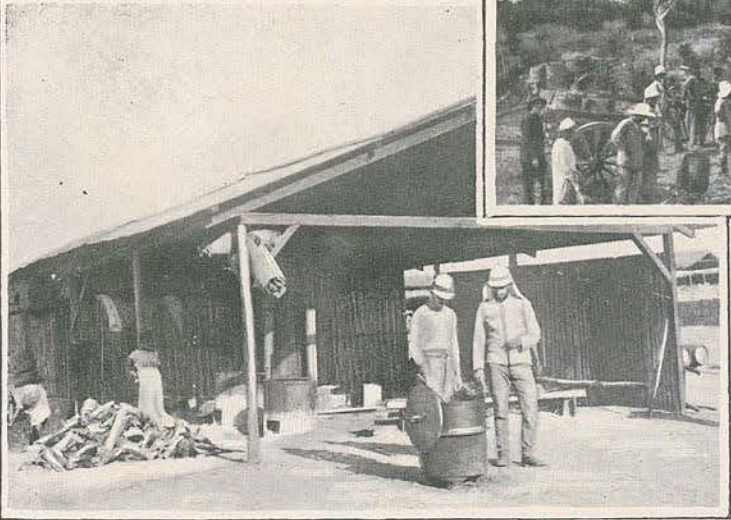
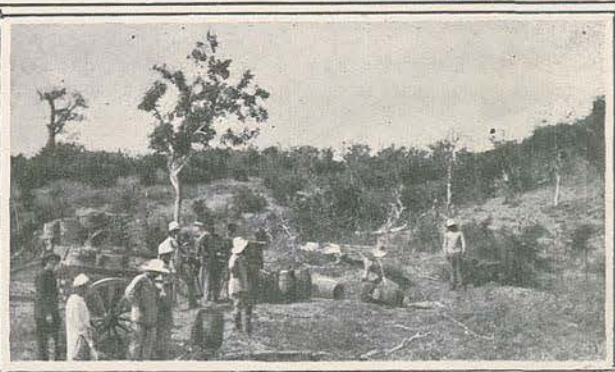
entre os dois governos. Entretanto o barão de Schoele retirava-se deixando em Kionga tropas suficientes para defenderem a sua bandeira, caso os portuguezes insistissem no corajoso proposito de a arrancar.

Pretextavam os alemães, para se apoderarem do que era nosso, que, além do commercio da escravatura, se fazia por Kionga toda a especie de contrabando para a Africa alemã, incluindo o de polvora e armas de fogo. O governo portuguez



Em Porto Amelia: — Cipaes que fizeram parte da expedição

(Cliché do distinto fotografo amator sr. Carlos Vilhena).



celaria alemã esquivou-se sempre a apreciar as razões ponderosas de direito que lhe apresentámos. Via-se que ela tinha resolvido, sem apelo

provou-lhes a falsidade de todas essas alegações, e, quando por ventura alguma d'elas subsistisse, era uma simples questão de policiamento da costa que se podia exercer eficazmente. Mas a chan-



Em Porto Amelia.—1. Carros boers que transportam barris de agua da nascente que fica a 9 quilometros para o abastecimento das forças. — 2. Cozinha do rancho geral da bateria e artilharia — (Clichês do distinto fotografo amator capitão sr. Norberto Guimarães).—3. Um posto telegrafico e telefonico correspondendo-se a 285 quilometros pouco mais ou menos, do monte Puez para Porto Amelia. — 4. **Farmacia da expedição.**— O sr. dr. Dias da Silva, tendo á sua direita o chefe dos serviços de saude.—(Clichês Vilhena).

nem agravo, apropriar-se da bahia, que era um excelente porto para lhes facilitar as comunicações com a costa, e dos terrenos marginaes que se prestavam a variadas culturas. E o que nos roubaram não é ainda assim tão pou-



Vista parcial de meio reduto

co porque equivale á superfície de um triangulo rectangulo, com 45 quilometros de hipotenusa, e 40 e 20 quilometros, respectivamente de catetos.

Mais de tres mezes duraram as nossas diligencias para que nos fosse restituída a posse de Kionga, e só desistimos, só nos decidimos a submeter-nos á nota alemã regulamentando a questão, sob a ameaça d'elles continuarem a invasão do nosso territorio para o sul.

A data de 11 d'abril de 1916 deve, pois, ficar memoravel como a de uma justa e grande desforra, a cuja idéa, durante tantos anos, não houve um só co-

ração portuguez que deixasse de estremecer. E' de um incalculavel alcance, sobretudo moral, esta nossa primeira victoria no meio dos preparativos que por todo o paiz se organisam para nos defendermos, seja aqui no continente, seja na Africa, seja onde fôr que nos chame a manutenção dos nossos brios e dos nossos interesses.

Não houve um só recanto da terra portugueza onde se não erguesse um clamor de jubilo e de entusiasmo. Grandes manifestações pelas ruas no meio de musica e de vivas, associando-se a ellas todos os que acima de idéas po-



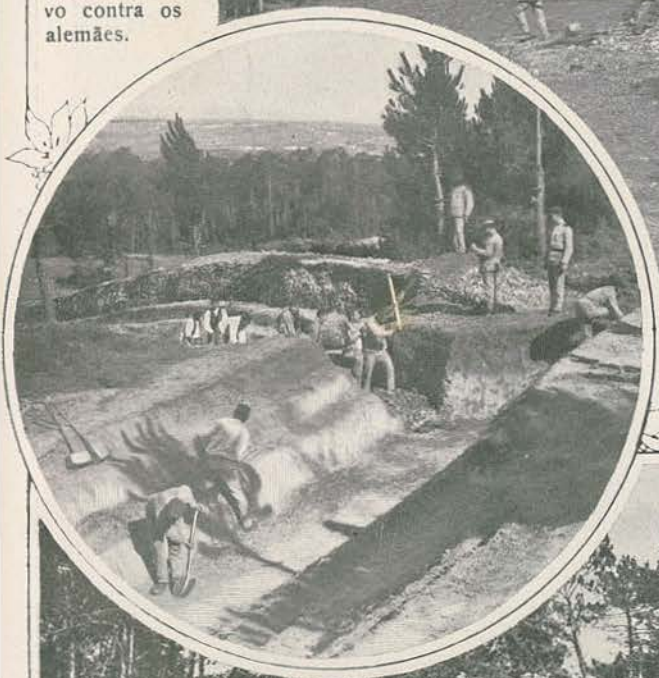
Os sapadores n'um momento de descanso

líticas e de partidos só vêm a pátria.

O Chefe de Estado todos os dias recebe telegramas de congratulação pelo brilhante resultado do nosso primeiro movimento ofensivo contra os alemães.



Trabalhos de fachinagem no acampamento



2. Trabalhos de sapa.—3. Construção de uma ponte improvisada; lançamento de um cavalete



1. Fabricando a corrente elétrica para um posto de telegrafia sem fios. — 2. Uma ponte-jangada. — 3. A artilharia de campanha em marcha. — (Clichés Benollel).

O VELHO MUNDO EM GUERRA

Os alemães não desistem do seu plano de romper as linhas francezas em Verdun. Repelidos sempre com perdas enormes, mal se refazem com alguns reforços transportados á pressa da linha oriental, onde a sua ação vae visivelmente afrouxando, voltam de novo á carga para serem esfacelados mais uma vez.

Ha dois mezes que os ataques se repetem quasi diariamente, chegando a sua offensiva a estender-se n'uma linha de mais de 20 kilometros, continuando aliás o seu plano de alcançar Verdun pela margem direita do Mosa, que é o caminho mais curto, ou sejam uns 7 kilometros do planalto de Douaumont áquela, já hoje celebre fortaleza. Falou-se ha dias que as tropas do kaiser iam suspender essa offensiva de tão desastrosos feitos e instalar-se de novo no sector de Mosa para irem outra vez entretendo a luta sem maior risco de vidas, e crêmos que d'essa opinião foi uma grande parte do estado maior alemão; mas a idéa foi posta de parte. Querem a todo o transe romper as linhas francezas de defeza; custe o que custar. E estes seis mezes de luta já lhes não tem custado poucos e inuteis sacrificios de vidas. A imprensa alemã e a que lhe é affecta já não podem occultar os calculos pavorosos dos soldados que ali tem caído para nunca mais se levantarem. Quer na margem direita do Mosa contra o planalto de Douaumont, quer na esquerda contra Mort-Homme, em cada ataque ficam sempre enormes montões de cadaveres, como nunca se assinalaram outros durante o decurso d'esta espantosa luta. Em oito semanas, segundo os calculos mais aproximados, os alemães devem ter perdido quatrocentos mil homens, e ninguem, que acompanhe esta serie ininterrupta de combates, poderá achalo exagerado, por mais que o seu alto comando procure fazer acreditar que ele não é tamanho e que á perda de tantos soldados corresponde um avanço apreciavel, quando pelos mapas recentes do teatro da guerra se reconhece, indubitavelmente, que esse avanço é pequeno.

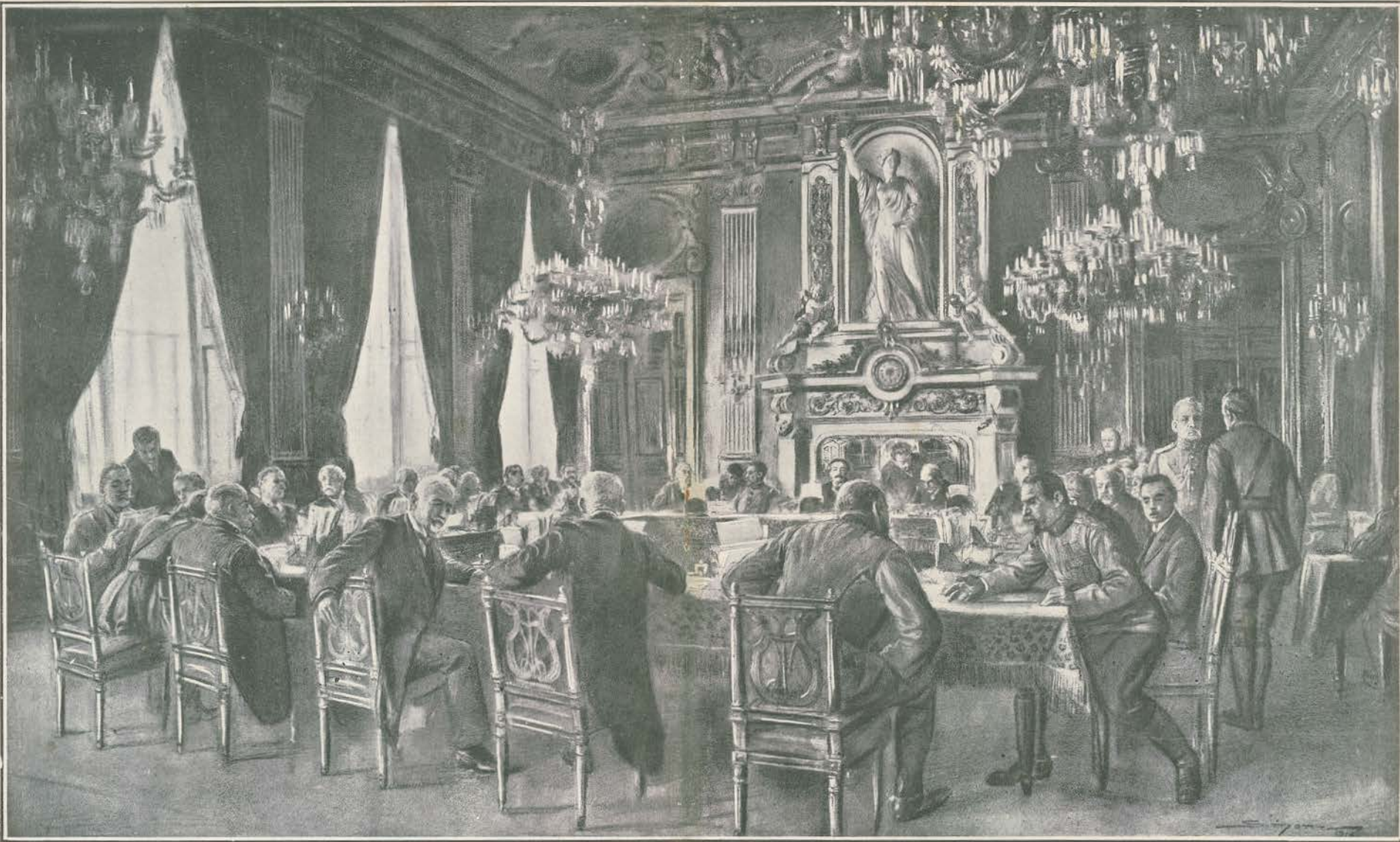
Nunca foi tão grande a confiança geral na resistencia da offensiva franceza. Poucos crêem que os novos embates alemães, que se estão preparando, tenham melhor exito do que os efetuados até aqui. Talvez os proprios soldados do kaiser sejam os primeiros a duvidar d'ele.



O tenente-coronel Driant, que morreu heroicamente á frente dos seus soldados no bosque de Gaures



Uma parte do forte de Douaumont depois do bombardeamento de perto de 2 mezes

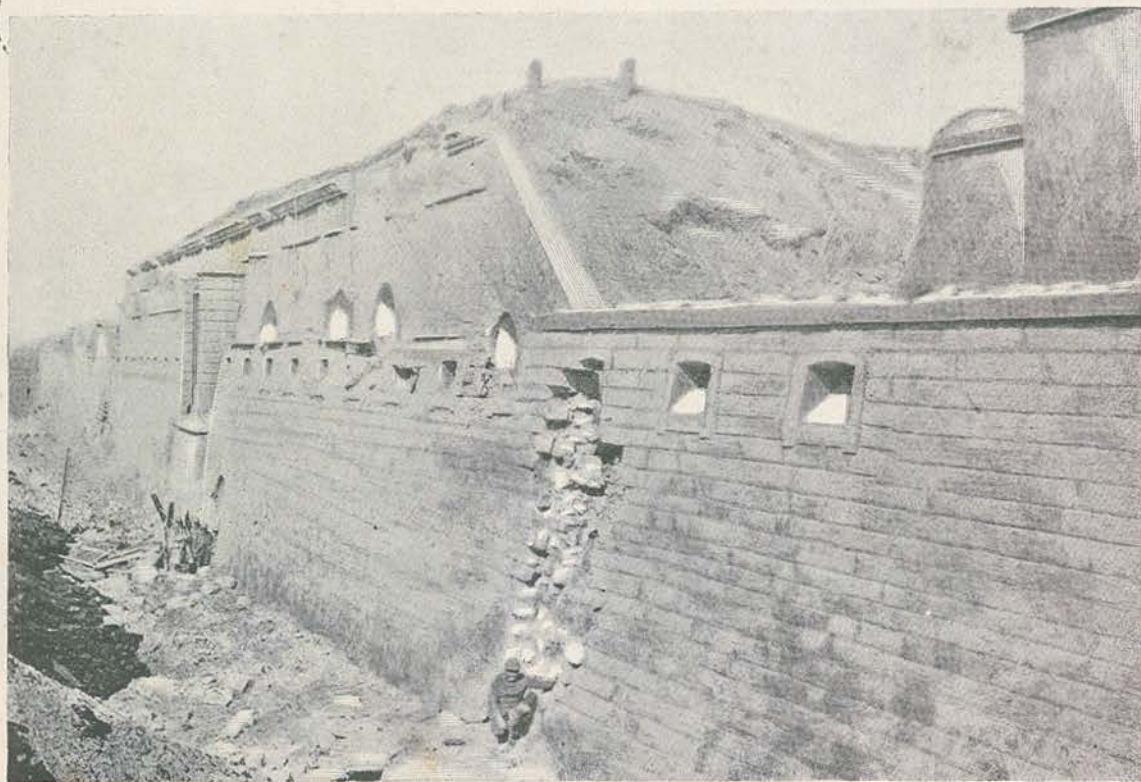


Uma sessão da conferencia dos aliados presidida por mr. Briand

(Desenho de J. Simont na Illustration)



O caminho que conduz ao forte de Vaux.—Ao fundo a silhueta do forte



Vista exterior do forte de Vaux



Soldados russos conduzindo prisioneiros austriacos

CARICATURAS DO GRANDE DESENHADOR HOLANDEZ RAEMARKERS



Louis Raemaekers.

Socorrei-nos, pacifistas!



Louis Raemaekers.

«O polichinelo da paz» (o chanceler Bethmann-Holweg discursando).



Louis Raemaekers.

Grupo de família



O «conquistador» sollicita a paz do rei Alberto



Um parapeito modelo de trincheira construída n'um bosque

Pavoroso incendio no Arsenal de Marinha

Como no depósito de fardamentos, ainda não ha muito devorado por um pavoroso incendio, mão criminosa, segundo se supõe, lançou igualmente fogo ao Arsenal de Marinha, ardendo a preciosa *Sala do Risco*, a maior talvez da Península, onde se deram luzidissimas festas, a biblioteca e o museu da Escola Naval e o laboratorio quimico. Felizmente o fogo não chegou ao ponto alvejado pelos criminosos, onde se guardam materias inflamaveis e um grande numero de granadas. Se tal succedesse, haveria



Os bombeiros procedendo ao rescaldo dos predios da travessa do Ferregal atingidos pelo pavoroso incendio.

a lamentar um dos maiores desastres a que a cidade de Lisboa teria assistido, pois todas as imediações do Arsenal, n'uma grande área, seriam completamente destruidas pela explosão d'essas materias. E talvez não seja estranha a isto a mesma ação criminosa dos alemães, tão barbaramente assinalada com eguaes proezas no Canadá e nos Estados Unidos.





O fogo devorando a celebre Sala do "Risco".—(Cliché Benoitte).



O sr. Antero de Figueiredo

Antero de Figueiredo. — Mais um livro e de grande valor foi publicado. Intitula-se *Leonor Teles* e é da pena do ilustre escritor e romancista sr. Antero de Figueiredo, autor do celebre romance *Doida de Amor*. O novo livro é um trecho de historia tratado com a arte e delicadeza que tanto distinguem o brilhante escritor.

Instituto do Professorado Primario. — Por iniciativa da sr.^a D. Amélia Luazes, distinta professora de ensino primario, foi inaugurado pelo sr. presidente da Republica o Instituto do Professorado Primario, exclusivamente fundado para receber as filhas de professores e encaminhal-as na sua educação literaria e pratica.



Grupo de creanças do Instituto do Professorado Primario



O sr. presidente da Republica, sua esposa e filha, tendo á sua esquerda a professora sr.^a D. Amélia Luazes, directora do Instituto do Professorado Primario

O Instituto funciona em um palacete da rua de Santa Catarina, onde estão as escolas officaes, dispondo de vastissimos aposentos para o fim a que é destinado.



O sr. Albino Forjaz de Sampaio «*Grithetas*».—E' este o titulo que o fogoso escritor e brilhante cronista sr. Albino Forjaz de Sampaio deu ao seu novo livro, que teve um colossal exito. Biografa n'ele muitos homens de letras que, afinal, são os seus *Grithetas*.



O chefe do Estado, sr. dr. Bernardino Machado, assistindo á inauguração

EXPOSIÇÃO DE ARTE NA ESCOLA.—Promovida pela Sociedade de Estudos Pedagogicos effectuou-se na Faculdade de Ciências de Lisboa uma exposição de objetos confeccionados nas escolas, na qual figuraram lindissimos e bem executados trabalhos. O sr. presidente da Republica assistiu á inauguração.



O sr. dr. Vanderput, autor do livro *A cura dos não curados*



Um dos trechos da exposição, vendo-se a secção dos trabalhos do liceu Maria Pia, uma das mais importantes.—(Clichés Benoitte).

João Cabral



A sr.ª D. Maria Julia Cavado, falecida em Vouzela, mãe do sr. J. Osorio, nosso distinto colaborador.



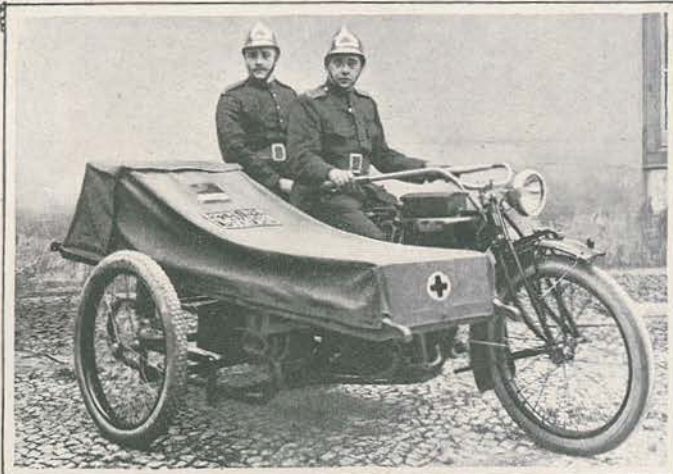
O sr. Mario Ferreira de Moraes, filho do sr. José Ferreira de Moraes, falecido em Paço d'Arcos.

João Cabral, o talentoso paizagista açoreano, que tão brilhantes exposições fez dos seus trabalhos, entre elas uma no salão da *Ilustração Portuguesa*, faleceu em 14 d'este mez, quando tantas obras primas ainda havia a esperar do seu talento e da sua atividade. Poucos aguarelistas como ele terão produzido com mais sentimento e verdade lindos trechos do continente e das ilhas, que ele tanto amava. N'uma visita que ele fez ao Norte d'África também nos trouxe d'aqueles logares pitorescos e dos seus curiosos costumes quadros magníficos que foram vivamente disputados em duas exposições.

A *Ilustração Portuguesa* sente profundamente a perda do distinto artista, com cuja amizade também se honrava.



O pintor sr. João Cabral



A nova moto-maca dos Bombeiros Voluntarios Lisbonenses

Uma moto-maca. — A benemerita Associação dos Bombeiros Voluntarios Lisbonenses, a quem o serviço de salvação deve assinalados beneficios, não pára na sua missão altruista e procura sempre angariar donativos para ocorrer á aquisição de material moderno adaptado aos seus fins. Assim, vae adquirir uma mo-

to-maca "Indian", cuja fotografia inserimos e que tem dado os mais satisfatorios resultados nas esperiencias já realizadas. Trata também de organizar as suas ambulancias para o caso de Portugal entrar na guerra, para o que vae dar uma recita em um teatro de Lisboa além do produto das "quetes" que tem feito ultimamente.



O antigo estabelecimento de candieiros do sr. Gomes Ferreira na rua da Vitoria, ultimamente remodelado pelos atuais proprietarios, entre os quaes o sr. Lino Ferreira, filho do Instuidor do estabelecimento. (Cliché Benollet).



O sr. Carlos Campos Casaes, funcionario publico, falecido ha dias em Lisboa. Era também escriptorario da Associação dos Empregados Menores do Estado.



O sr. Francisco de Paula Melo da Mota Vargas, escriptorio de direito em Ceia, onde faleceu. Era provedor da Santa Casa da Misericórdia d'aquella villa.



OS A MÃO FATAL MISTERIOS DE NOVA-YORK

Este magnico romance cinematografico continua em publicação n' *O SECULO* e o êxito obtido foi, sem duvida, superior a toda a expectativa.

Titulos dos episodios d' **OS MISTERIOS DE NEW-YORK** já publicados:

A MÃO FATAL

O SONHO DE ELAINE

O TUMULO DE FERRO



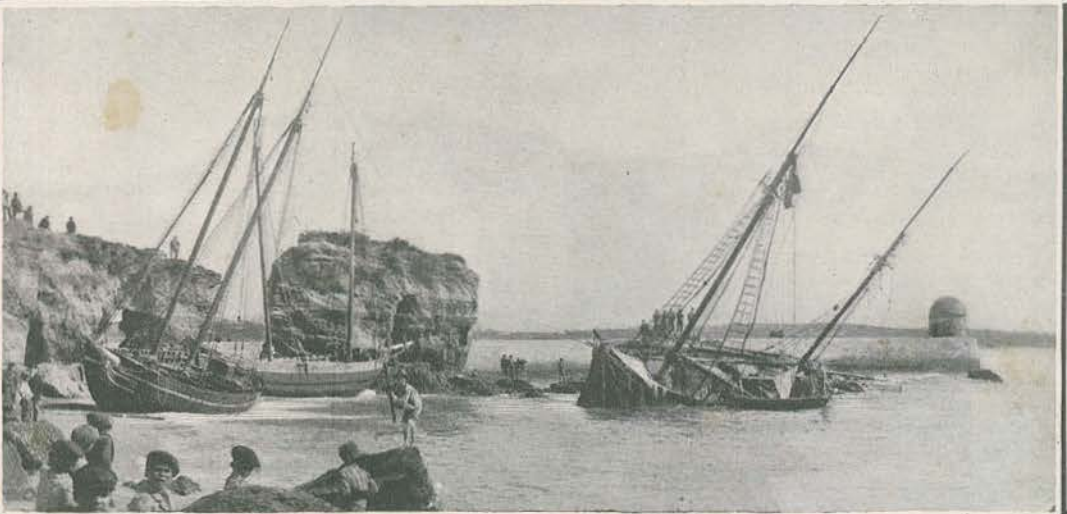
O sr. Lopes Muñoz, novo ministro de Hespanha em Portugal, saindo da estação do Rocio acompanhado pelo sr. marquez de Vilasinda, antigo ministro, que já retrou para Madrid.—(Cliché Benolle).



Consortio da sr.^a D. Maria Benedita Lopes Abolm Inglez, filha do sr. Antonio Lobo Abolm Inglez, com o sr. dr. Ernesto Fernandes Paneiro.

O FADO DE PORTUGAL

Canção de Portugal.—Começou a publicar-se em Lisboa um excelente semanario que se propõe difundir em Portugal o gosto pela canção portugueza, na qual se traduz com tanta verdade o sentimentalismo e o caracter da nossa raça. E' seu diretor e proprietario o nosso colega sr. Jorge Gonçalves, que presta um bom serviço com a sua louvavel iniciativa.



Aspeto da praia da Batata, na costa de Lagos, onde deram à costa tres barcos que vinham de Vila Real, aonde haviam ido levar sardinha e que foram surpreendidos pelo mau tempo.—(Cliché do distinto fotografo sr. Antonio C. Santos).



Colegio Militar. — Para solenizar a reentrada de tres alumnos expulsos por faltas disciplinares do Colegio Militar, realisou-se ali uma festa imponente a que assistiu o sr. Norton de Matos, ministro da guerra, que foi muito ovacionado pelo seu ato generoso.

A festa constou de exercicios de infantaria e cavalaria, de tiro, ginastica e esgrima, mostrando todos os alumnos rara energia e vivacidade em todos eles.

Antes foi lida uma alocução de boa vinda ao sr. Norton de Matos, que, comovido, a agradeceu.



1. O ministro da guerra, sr. Norton de Matos, tendo á direita o diretor do Colegio Militar
2. Os alumnos de cavalaria nos exercicios de lança

(Clíchés Benoitel)

Caçada na India.—

Na India Portugueza a fera mais temivel, mais possante, é o tigre real. Para os fins da monção, quando o capim está crescido e desenvolvido, oferecem assim um excelente abrigo, aquelas feras aproximam-se das povoações indigenas, onde chegam a causar prejuizos colossaes dizimando quanto gado bovino e bufalino apanham. E' um verdadeiro terror.

Quando uma fera d'essas fixa a sua residencia n'uma região matosa, nunca permanece n'ela por grandes periodos, d'onde se vê a sua grande astucia, receiando sempre do seu grande inimigo: o caçador.

Alguns dos *sportsmen* inglezes, funcionarios superiores do caminho de ferro de Mormugão e outros que residem nas fronteiras, proximo da nossa India, frequentes vezes se dirigem para as nossas matas quando sabem da existencia d'uma d'essas feras e organisam batidas, mas colocam-se nas portas com a vida no seguro: empoleiram-se por cima de arvores de grande porte depois de atarem n'elas escadas de cordas de que vão munidos.

Os nossos caçadores, porém, residentes na India,



O Intrepido e exilmo caçador sr. José Joaquim Lopes Arez e a sua nona fera

fazem essas batidas colocando-se no mesmo nivel: expõem-se assim evidentemente a maiores perigos e emprezas mais arriscadas, a que eles chamam um jogo leal.

E é assim que o sr. José Joaquim Lopes Arez, secretario do concelho de Sanguem da nossa India, tem caçado muitas feras, entre elas um tigre real que media 2^m,75.